

A BANALIDADE DO MAL E A INTOLERÂNCIA



TENÓRIO, Hellen Tisiane Gonçalves,¹
DE FREITAS, Maria Cristina Leal,²
AVILLA, Francine,³

¹ Discente do Curso de Direito, Nível 4 2020/2 – Faculdade IDEAU – Bagé/RS.

² Mestre, graduada em Psicologia, Direito e Ciências Sociais, Professora do Curso de Direito das Faculdades Integradas de Paranaíba – disciplinas Antropologia Jurídica e Sociologia.

³ Docente do Curso de direito, Nível 4 2020/2 - Faculdade IDEAU – Bagé/RS.

*E-mail para contato: ticianitenorio@gmail.com



**MOSTRA DE
INICIAÇÃO CIENTÍFICA**
Mostra de Criação e Inovação

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho procura analisar a concepção arendtiana sobre o mal como uma possibilidade de compreender a intolerância contra o outro, o diferente.

A filósofa aborda o mal em uma perspectiva ético-política. Com a expressão “banalidade do mal”, Arendt pretendeu mostrar a manifestação de um mal que não precisa de justificativas para ser praticado; que se caracteriza pela ausência do pensamento. A novidade da sua reflexão reside justamente em evidenciar que os seres humanos podem realizar ações inimagináveis, destruir e matar, sem qualquer motivação maligna.

Ao relacionar o mal à falta de uma reflexão, Arendt aponta para uma possível compreensão da intolerância nas sociedades contemporâneas, em que a prática do mal ocorre nas injustiças e nos atos violentos contra refugiados, mulheres, pessoas LGBTQTs, desempregados, indígenas, negros, idosos e a natureza. A intolerância é o processo de repúdio à diversidade, processo histórico, presente em diversas épocas e ainda contemporâneo, responsável pela morte de várias pessoas, abarca múltiplas formas, pode ser contra raça, contra religião, socioeconômica, contra o gênero e orientação sexual.

OBJETIVOS

Este trabalho tem como objetivo fazer uma breve análise sobre o conceito “banalidade do mal” de Hannah Arendt e a intolerância, utilizando-se como apoio teórico as obras “Eichmann em Jerusalém - um relato sobre a banalidade do mal” e a “A condição humana”.

METODOLOGIA

Para a compreensão do fenômeno, buscou-se auxílio em alguns conceitos e ideias da filósofa Hannah Arendt, principalmente nas teorias da banalidade do mal e da alteridade, nas obras “Eichmann em Jerusalém - um relato sobre a banalidade do mal” e “A condição humana”.

ANALISE DOS RESULTADOS

A banalidade do mal se dá através de discursos de ódio alvos de irreflexões e propagados cotidianamente por pessoas comuns que não possuem capacidade de pensar autonomamente. Arendt propõe a alteridade como ruptura ao mal trivial, à intolerância, pois, os seres humanos só evoluem quando convivem com pessoas diferentes de si, a alteridade seria a consciência disso e a aceitação do outro como diferente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pensamento de Hannah Arendt continua atual e importante para refletirmos sobre nossos atos e nossa responsabilidade pelo mundo. Desta forma, tentar desconstruir e ressignificar essa concepção de maldade humana, por meio da capacidade de pensar antes de agir e que as ações futuras sejam humanizadas. Por conseguinte entender a construção da violência institucionalizada através de todo o contexto histórico através da obra de Hannah Arendt.